Modalidade do Trabalho - Resumo Expandido

**RODA DAS MINAS: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MENINAS**

***Silva, Mariana 1; Lima, Carolina.2***

1 Graduanda em Serviço Social pela Universidade de Brasília, e-mail: marianacs.trab@gmail.com

2 Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, e-mail: carolmenezeslima@gmail.com

**INTRODUÇÃO**

A Roda das Minas nasceu a partir da demanda de mulheres estudantes de graduação do curso de Gestão de Políticas Públicas na Universidade de Brasília - UnB, em 2015. Esse desejo foi reforçado diante de um feminicídio no Campus da Universidade e pela retirada de intervenções construídas em uma roda de conversa com oficina de cartazes sobre o mesmo assunto. A intervenção foi feita no prédio onde o curso está situado, a FACE - Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas, notoriamente ocupado por mais homens que mulheres.

Sendo assim, essas mulheres começaram a realizar rodas de conversa que tornaram-se semanais. Como o crescimento foi contínuo, a visibilidade da iniciativa se espalhou por toda UnB. Desde então, a Roda das Minas se transformou em uma coletiva feminista referência na Universidade, criando uma forte rede de apoio e se tornando espaço de acolhimento e afeto.

Desde 2019, a Roda das Minas é instrumento de promoção aos direitos das meninas por meio do projeto de extensão Roda das Minas: Políticas públicas para meninas, estruturado junto ao Decanato de Extensão - DEX/UnB.

A experiência da Roda das Minas dentro da Universidade de Brasília, pôde, em seus anos de existência enquanto coletivo autônomo e autogerido, fomentar diversos debates sobre gênero através da perspectiva interseccional e reuniu os desafios experienciados pelas mulheres da coletiva sobre as violências cotidianas em espaços dentro e fora da Universidade. Algumas de nossas ações nos conectaram com mulheres e meninas de realidades completamente diferentes, o que gerou uma vontade geral de sair do espaço universitário e conhecer na prática outras vivências. Ouvir as demandas e necessidades de algumas mulheres e meninas também nos incentivou, enquanto futuras gestoras de políticas públicas, a construir outras formas de desenhos institucionais distintos dos tradicionais, que são, muitas vezes, ineficazes. Levar informações sobre Políticas Públicas de Gênero, especialmente de enfrentamento à violência de gênero até às escolas, em um contexto social onde muitas vezes essas violências são naturalizadas e constantemente presenciadas, seja no âmbito familiar, relacional, educacional ou profissional, é uma forma de trazer à tona, de forma afetuosa, pautas que geralmente só se fazem presentes a partir do ingresso no ensino superior.

**OBJETIVOS**

A Roda das Minas objetiva apresentar noções e discussões de gênero e políticas públicas de enfrentamento de violência contra a mulher para estudantes secundaristas de escolas do Distrito Federal. Pretende-se fomentar debates que permitam a construção de senso crítico e questionamento das estruturas de poder para estimular a organização das participantes em espaços autogeridos de troca de experiências e informações.

**DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE**

O projeto funciona com idas mensais às escolas públicas de Brasília e entorno. Por meio da metodologia de rodas de conversa, debatemos questões de gênero, raça, classe e sexualidades com meninas adolescentes do Ensino Médio.

Essas rodas contam com preparação prévia em encontros semanais dentre as extensionistas onde são passadas as questões da metodologia interseccional utilizada na abordagem como estratégia analítica e de ação que incentiva a pluralidade, a não hierarquização das opressões e o reconhecimento e legitimação de realidades e vivências distintas.

Semanalmente, também são pensadas as pedagogias e didáticas a serem utilizadas no encontro para incentivar a participação das meninas das escolas e o entrosamento do grupo. Os assuntos levados como pauta mensal às escolas são escolhidos de acordo com a demanda e realidade particular de cada escola/região. Acreditamos que a roda de conversa é uma estratégia potente de troca de informação e de horizontalização dos saberes onde todas as presentes estão aprendendo e ensinando. Por isso, mesmo dentro da Universidade, utilizamos essa metodologia nos encontros de preparação da Roda das Minas.

Nas escolas, são sempre incentivadas falas plurais, escuta atenta, comunicação não violenta e o acolhimento. Movendo afetos, esses encontros incentivam a criação de espaços

de debate e coletivos auto geridos pelas próprias estudantes, de modo que promova a Igualdade de Gênero, o fim das opressões e quebra da lógica patriarcal, começando nas escolas por meio de espaços seguros de compartilhamento, criação e fortalecimento de redes de apoio, divulgação de eventos alinhados com o propósito do projeto, dinâmicas de interação lúdica, músicas, meditações, aproximação com a Universidade e materiais informativos sobre Políticas Públicas de Gênero (folder, cartilhas, cartazes, material em redes sociais).

Após o término do cronograma semestral, mantemos contato com as estudantes secundaristas através das redes sociais. A partir da interseccionalidade, acreditamos que cada secundarista recebe e assimila de formas diferentes os assuntos em debate e que a experiência e aprendizado também acontece para as extensionistas. O projeto Roda das Minas realizou pesquisas qualitativas com todas as participantes dos dois grupos para registrar e entender concretamente e validar resultados com cada uma das envolvidas.

**DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Desde 2019, o projeto de extensão Roda das Minas já atuou em 5 escolas de Brasília e entorno, teve 60 extensionistas e alcançou cerca de 106 estudantes secundaristas.

As pesquisas com as extensionistas mostraram que na dimensão “**O significado/percepção da extensão”**, 90% delas acreditam que ser extensionista possibilita mais oportunidades de compartilhar o conhecimento aprendido na Universidade; possibilita maior qualificação profissional e crescimento humano; propicia o aprendizado com pessoas e situações diferentes de sua própria realidade; é uma oportunidade de aprendizado para além da sala de aula e que proporciona espaços de debate e construção coletiva de pensamentos mais inclusivos e solidários no ambiente escolar. Na dimensão “**Vivência como extensionista”**, 83% das extensionistas responderam que cultivaram a escuta ativa da realidade das meninas secundaristas; acreditam na extensão como ponte entre o conhecimento da Universidade e a realidade secundarista; querem multiplicar as ideias de equidade de gênero e transformação social e sentem que contribuem com conhecimentos da sua área de formação.

As pesquisas realizadas nas escolas tinham a finalidade de saber qual era o perfil etnográfico autodeclarado pelas estudantes. Foi constatado que 60% das meninas de 14 a 18 anos se autodeclaram pretas ou pardas. Sendo todas essas meninas moradoras de cidades periféricas e próximas à escola, destacamos o importante fato de que esse dado confirma que, na realidade brasileira, a questão racial anda lado a lado com as vulnerabilidades sociais e econômicas. Conceber que raça, classe, sexualidades e deficiências são características determinantes tanto para educação e desenvolvimento escolar quanto fora dela, exige atuação plural e diversa que não parta da universalização de corpos e experiências.

Na dimensão “**Auto reflexividade”**, 55% das secundaristas perceberam durante as rodas pensamentos ou práticas naturalizadas; 66% começaram a se enxergar/sentir melhor consigo mesmas e 65% pensaram melhor sobre o que gostam e querem fazer. Sobre as “**Mudanças de práticas”**, 50% mudaram alguma forma de pensar depois das rodas e 65% refletiram sobre seus relacionamentos. Na “**Disseminação de conhecimento'',** 78% responderam que conheceram alguma nova palavra/conceito/informação e 50% tiveram vontade de organizar rodas.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observando as dimensões pesquisadas somadas às experiências em campo, o projeto mostra-se necessário ao percorrer o caminho da pluralidade, educação, comunicação e afeto. Entendendo a importância de trazer à tona questões sociais de forma estrutural e estruturante, garantimos espaços diversos de construção coletiva e potencializando o ambiente escolar como espaço de conhecimento, integração e educação. Começar esse movimento de intervenção pelas escolas, lugar ativo de aprendizado, fez com que o objetivo da extensão universitária de ser ponte entre os conhecimentos das universidades e a sociedade fosse alcançado com sucesso. É importante destacar a necessidade de não hierarquização dos conhecimentos e produções científicas institucionalizados sobrepostos aos saberes tradicionais, tecnologias ancestrais e o conhecimento adquirido na vivência. Enquanto não descolonizarmos as concepções de conhecimento, estaremos perdendo valiosas possibilidades de aprendizado. Temos um tanto a ensinar e muito o que aprender.

Através dos resultados alcançados pode-se afirmar que a atuação com estudantes secundaristas ganha um espaço fundamental no combate às estruturas hierárquicas de gênero, tornando-se uma intervenção eficaz para a transformação de relações historicamente desiguais de oportunidades e acessos além de interferir nas relações entre as próprias adolescentes dentro da escola, proporcionando um espaço de acolhimento onde a rivalidade feminina incentivada pela sociedade é colocada de lado, e fora das escolas, em seus relacionamentos familiares, amorosos e da vida social.

Acreditamos que a emancipação só faz sentido se for coletiva e que fortalecer redes de apoio de meninas e mulheres jovens é o caminho para que elas se reconheçam como agentes de transformação e sujeitas de direito, capazes de mover estruturas impostas e gerar reflexões do nível micro ao macro. Deste modo, através das reflexões fomentadas pelo diálogo afetuoso nas rodas, a intenção é que todas sintam-se incentivadas a buscarem essa autonomia coletiva através do acessos à informações confiáveis, redes de apoio e garantia dos direitos que precisam exercer o papel de protegê-las.

**REFERÊNCIAS**

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

HOOKS, Bell. **Não sou uma mulher. Mulheres negras e feminismo.** Plataforma Gueto, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** 16. ed. Petropol: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. **As feridas abertas da violência contra as mulheres no Brasil: estupro, assassinato e feminicídio.** In: STEVES, Cristina; OLIVEIRA, Susane; ZANELLO, Valeska; SILVA, Edlene e PORTELA, Cristiane. Mulheres e violência: interseccionalidades. Brasília/DF: Technopolitik, 2017. p. 36-49.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.